

**RESENHA:**

MITCHELL, William J. E-topia. **A vida urbana** – mas não como a conhecemos. São Paulo: Senac, 2002, p. 236.\*

**Leandro Bruno dos SANTOS\*\***

Este livro foi publicado originalmente em inglês [E-topia: Urban life, Jim-but not as we know it] em 1999. William J. Mitchell, autor do livro, é estadunidense e professor da Faculdade de Arquitetura e Planejamento do Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Nos anos 1990, em função da globalização e da aceleração contemporânea, muitos autores decretaram o fim de muitos conceitos que compõem o *métier* do geógrafo, como espaço e território. Mitchell, quando se refere aos efeitos da infra-estrutura mundial das telecomunicações digitais, em vez de defender o fim do espaço, propõe pensar na emergência de novas formas de produção, de organização dos espaços habitados e sua apropriação para os múltiplos propósitos humanos.

E-topia, além de lugar eletrônico, remete à idéia de utopia de um país imaginário e irrealizável de Thomas Morus. Mitchell defende que, com os avanços tecnológicos que estão desestruturando as formas de vida da era industrial, as e-topias - cidades eletronicamente servidas e globalmente ligadas - podem ser realizadas. A idéia imanente à obra é de que as telecomunicações digitais têm, pois, influenciado profundamente os ritmos da vida tradicional e a relação de proximidade entre as pessoas, exigindo reinventar novos locais públicos, novas formas de socialização, novas cidades para o século XXI.

Segundo Mitchell, essa nova estrutura urbana exigirá a redefinição da agenda dos intelectuais e profissionais envolvidos com as cidades. De antemão, antes de esquadrihar a agenda nos dez capítulos do livro, salienta a necessidade de construir a infra-estrutura de telecomunicações digitais, criar lugares inteligentes a partir de componentes eletrônicos e arquitetônicos, desenvolver o software que irá ativar os lugares inteligentes e, finalmente, pensar em configurações espaciais que sejam sustentáveis e que façam sentido num mundo interconectado e mais compacto.

No primeiro capítulo, **A marcha dos meganets**, chama a atenção para o fato de que, para além dos prós e contras dos avanços tecnológicos, é preciso uma perspectiva ampla, crítica e voltada para a ação sobre a realidade emergente. A convergência dos avanços nas áreas de hardware e software, ativados pela fagulha w.w.w. (World Wide Web), permitiu a desmaterialização da informação. Essa transformação vai reconstruir as relações entre as pessoas, remodelará os padrões urbanos existentes, gerará novas centralidades ao longo dos pontos de conexão, criará novos tipos de interdependência entre as regiões e centros populacionais, abalará as fundações econômicas e culturais das pequenas comunidades, permitirá que serviços essenciais sejam acessíveis ao campo - tornando difícil a distinção entre cidade e campo, as áreas remotas continuarão sofrendo algumas desvantagens no acesso às informações. É preciso, assim, projetar e construir o futuro, o que envolve, evidentemente, a tarefa de fazer algumas escolhas cruciais em meio às constantes transformações.

No segundo capítulo, **A telemática no comando**, o autor mostra o avanço significativo das telas de diferentes tamanhos (PCs, relógios de bolso etc.), das caixas de som, de superfícies inteligentes que envolvem o espaço físico e o ciberespaço, de telas de projeção de vídeo, a mistura das realidades física e virtual. A informação digital está, portanto, por toda parte, o intangível sobreposto ao tangível. Os *pixels* adquirem, hoje, o mesmo papel que a pedra teve para os romanos.

No terceiro capítulo, **Software: o novo gênio do lugar**, descreve a passagem da virtualidade (objetos manipulados dentro de um PC) para a funcionalidade dos objetos (inteligência e

---

\* Trabalho final de conclusão da disciplina “Urbanização e produção das cidades”, ministrada pela Profa. Dra. Maria Encarnação Beltrão Sposito.

\*\* Mestrando no curso de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP. Contato: leandrobrunogeo@hotmail.com

interconectividade em produtos materiais), possível a partir da descoberta dos sensores. À medida que os *chips* forem sendo empregados nos aparelhos, os objetos terão consciência uns dos outros e começarão a interagir. A comunicação entre os aparelhos poderá ser intermediada por um software de rede, que permitirá que os hardwares conectem qualquer serviço da rede. Isso causará profundas mudanças na relação forma-função, na medida em que, a partir da alteração de um código, a função de um objeto poderá ser alterada sem, necessariamente, reconstruir, reformular ou substituir componentes materiais.

Em **Computadores onde se morar**, quarto capítulo, Mitchell chama a atenção para a possibilidade das roupas e do próprio corpo estarem cheios de *bits* e conectados em rede. Os prédios estão ganhando um sistema nervoso central (sensores, telas computadorizadas etc.) que permitem identificar os moradores e transferir as ligações. Mais do que atender as necessidades de seus moradores, os equipamentos e ambientes inteligentes permitirão, sobretudo, uma economia de recursos.

As cidades do século XXI serão, então, marcadas pela interação, saturadas de softwares e de silício. A curto prazo, porém, essas transformações, assim como ocorreu com as redes de água encanada e saneamento, vão gerar o aumento da distância entre os privilegiados e os excluídos.

No quinto capítulo, **A casa e a vizinhança**, destaca que a interligação de um crescente número de lugares inteligentes incorporados à infra-estrutura mundial de telecomunicações digitais está mudando a distribuição espacial das atividades sociais e econômicas. A revolução digital está unindo a casa e o trabalho, contribuindo para o fortalecimento das relações sociais primárias (familiares) e secundárias (relações de vizinhança), além de permitir outras relações por meio da interação eletrônica.

Essas transformações, evidentemente, exigirão novas formas de planejamento urbano, causarão uma reorganização urbana. Os riscos residem na possibilidade de agrupar ainda mais os ricos, ficando os pobres onde faltam boas oportunidades de empregos e serviços. Por isso, os planejadores e políticos devem criar políticas de igualdade social, ao passo que aos arquitetos e urbanistas cabe o papel de criar as condições para que os grupos sociais se cruzem e se sobreponham.

Em **Pontos de encontro**, sexto capítulo, afirma que muitos locais de encontro no século XXI serão virtuais, os quais ampliarão das relações sociais indiretas. Muitos autores têm afirmado, ingenuamente, que os lugares virtuais irão substituir os lugares físicos; na verdade, os contatos on-line são traduzidos em contatos pessoais diretos e há, inclusive, uma forte relação entre a demanda por telecomunicação e por transportes materiais.

O autor aponta duas conseqüências dos pontos de encontro on-line. A primeira é que, por meio de mala direta, por exemplo, as pessoas se relacionam em grupos bem limitados (com a mesma opinião). A segunda é que, a partir do e-mail, as pessoas marcam horários, locais e com quem se encontrar, com o fito de evitar o encontro com pessoas indesejáveis. Isso pode conduzir à perda da vida pública e a uma maior fragmentação social. É necessário, então, novas *ágoras* (que não serão apenas locais físicos). As comunidades devem criar formas de manter seus locais de interação (físicos, virtuais ou combinação dos dois), os quais devem permitir a liberdade de acesso e de expressão.

No sétimo capítulo, **Reelaborando o mercado de trabalho**, destaca as mudanças que a telecomunicações estão causando na produção distribuição e no consumo, com o crescimento do comércio dos produtos intangíveis (seguros, passagens aéreas) em que nada material é transferido, a distribuição de produtos de informação pela rede (vídeos digitais, jornais, arquivos de fotos e áudio), a prestação de serviços pela rede (arquivos em CAD), o controle de estoques, a diminuição do papel de intermediários entre produtor-consumidor, o teletrabalho. As cidades ganhadoras serão aquelas capazes de manter seus recursos humanos e de atrair atividades econômicas ligadas à informação.

Em **Cidade telesservida**, oitavo capítulo, sinaliza que, com o mundo conectado em rede, alguns serviços podem ser prestados a distância, não sendo mais necessária a presença física. Hoje, é possível consultar os destinos, vôos, tarifas, reservas e comprar passagens on-line, além de

transferências e saldos por meio do *home banking*. No caso de prédios e automóveis, por exemplo, os sensores monitorarão as necessidades e chamadas dos serviços. Os limites dos serviços dependerão da extensão geográfica da rede.

No plano da cidade, será necessário criar as condições para que as pessoas utilizem o tempo economizado com as transações eletrônicas para as relações primárias e vida comunitária. No caso da arquitetura, as fachadas serão substituídas pelas *home-pages*, o salão dos produtos pelo software interativo e o estoque permanecerá. Paradoxalmente, a ampliação das telecomunicações proporcionará serviços mais baratos, enquanto os serviços manuais serão mais caros.

No penúltimo capítulo, **A economia de presença**, defende que as relações sociais serão pautadas numa nova economia de presença, uma vez que o encontro pessoal demanda tempo, dinheiro e deslocamento. A sociedade passou, paulatinamente, das relações sincrônicas às relações assíncronas. Nas sociedades pré-letradas, as ações eram locais e sincrônicas. A escrita possibilitou relações locais e assíncronas. As telecomunicações permitiram as relações sincrônicas a distância e, finalmente, com as telecomunicações digitais, as interações passaram a ser assíncronas a distância.

Aliás, essa nova economia de presença, baseada nas telecomunicações digitais, não eliminará outros modos de interação e tampouco será o fim do lugar. Haverá uma combinação dos diferentes modos de comunicação, ao passo que os lugares serão valorizados pelas experiências pessoais, atrações climáticas, culturais e oferta de serviços não oferecidos por meio de um fio.

No último capítulo, **Lean and green**, que quer dizer eficiente e ecológico, evidencia que, a partir da revolução digital e da economia de presença, ao invés das cidades caóticas da era industrial, será possível criar e-topias – cidades enxutas e ecológicas. Isso será possível por meio de cinco pontos: desmaterialização (substituição de uma construção material por um sistema virtual, objetos miniaturizados com pouco consumo de energia), economia de recursos (substituição da viagem pela comunicação, bairros 24 horas multifuncionais), personalização em massa (distribuição automática somente dos bens e serviços necessários em certos contextos), operação inteligente (implantar inteligência nos aparelhos para economizar produtos esgotáveis) e transformação sutil (preservar o patrimônio histórico). Tudo dependerá, prevalentemente, da instalação do hardware, da reposição de software e reorganização das redes.

Esse livro traz importantes contribuições para a compreensão dos impactos das tecnologias da informação sobre as configurações espaciais e formas de vida nas cidades do século XXI. Doravante, geógrafos, arquitetos e demais profissionais poderão, a partir dessa obra, pensar as cidades do amanhã. Faz-se necessário, contudo, devido à análise prospectiva do autor, estabelecer parâmetros analíticos reais para a compreensão da cidade que vivemos atualmente num país que não conseguiu superar as mazelas do subdesenvolvimento.

É premente, no entanto, estabelecer um parêntese. A Formação socioespacial brasileira é diferente da estadunidense, realidade estudada por Mitchell. Nos EUA a tarefa é a de evitar uma sociedade dividida entre os que têm e os que não têm acesso ao mundo digital, enquanto no Brasil é necessário, ainda, levar a infra-estrutura básica, como água, energia elétrica, rede de esgoto etc.